

PRÁTICAS PARTICIPATIVAS EM PAISAGISMO

FARIAS, Douglas de Almeida¹
RAMMÉ, Juliana²

RESUMO

O presente trabalho trata da divulgação do projeto de extensão “Práticas participativas em paisagismo”, realizada por docentes e estudantes da área de arquitetura e urbanismo da UNILA em parceria com docentes, funcionários e estudantes do Colégio Santa Rita, localizado na Região de Três Lagoas, em Foz do Iguaçu. As atividades ocorreram no período de junho a dezembro de 2017. Objetivo deste projeto foi revitalizar o espaço externo do Colégio Santa Rita através de práticas paisagísticas com material de reuso. Como resultados obtidos tem-se, além da integração entre a comunidade local e a universidade a melhoria na qualidade do espaço escolar através da construção de mobiliários, da pintura do muro, da revitalização da horta e da criação de jardins suspensos.

Palavras chaves: Práticas participativas, Arquitetura, paisagismo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte dos resultados alcançados durante o segundo semestre do ano de 2017, no Colégio Estadual Santa Rita, Foz do Iguaçu-PR, na realização do Projeto de práticas participativas em paisagismo, desenvolvido como projeto de extensão do curso de arquitetura e Urbanismo da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana). O projeto era uma ideia inicial da atual diretora do Colégio Djeuci da Silva, que juntamente com docentes e estudantes das duas instituições, o projeto ganhou forças e hoje é uma realidade vista e sentida diariamente no Colégio.

O projeto visou a revitalização da área externa para uma melhor qualidade do ambiente e do espaço de lazer. A revitalização do espaço foi desenvolvida por meio de oficinas participativas, sendo que a primeira delas teve como objetivo criar assim laços de amizade e confiança entre todos os envolvidos. Os resultados dessas primeiras oficinas geraram as demais ações que foram desenvolvidas posteriormente: (i) Oficina do muro; (ii) Oficina de jardins e decorações; (iii) Oficina da Horta; e (iv) Oficina dos mobiliários. Ainda, foi realizada a oficina de Móveis em Palete com os estudantes do EJA, ministrada por um marceneiro voluntário. Por fim, os estudantes do EJA e do nono ano do ensino fundamental

1 Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo - ILATIT – UNILA. Bolsista (UNILA). E-mail: douglas.farias@aluno.unila.edu.br;

2 Juliana Rammé – ILATIT – UNILA. Coordenadora/Orientadora de bolsista (UNILA). E-mail: juliana.ramme@unila.edu.br;

foram convidados a conhecer a UNILA em um passeio guiado pela Ação de Extensão Visite a UNILA.

2 METODOLOGIA

Este projeto nasce a partir de uma parceria do Colégio Santa Rita com a UNILA- Universidade Federal da Integração Latino Americana, que através de seus acadêmicos, trouxeram materiais como: pneus, paletes, tintas entre outros para serem reinseridos como decoração para a área externa do colégio. A iniciativa serviu para o desenvolvimento deste trabalho e que visou transformar o espaço existente em um local agradável. A execução se deu com os alunos, servidores e comunidade. Junto com os estudantes foram realizados levantamentos das principais necessidades e com isso a compilação do que seria possível e necessário a se criar.

Mas antes de iniciar os trabalhos houve uma grande conversa com os alunos para definir juntos quais as maiores dificuldades enfrentadas por eles, para a partir delas tomar decisões. Em seguida foram realizadas gincanas para que houvesse uma maior aproximação entre os diversos alunos e toda a equipe do colégio. Nesta etapa foram definidas as ações que seriam realizadas durante o projeto. Estas ações foram divididas em outras quatro oficinas, organizadas e desenvolvidas pelos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo. São elas: (I) Oficina do muro; (II) Oficina de jardins e decorações; (III) Oficina da Horta; e (IV) Oficina dos mobiliários.

Para grande surpresa de todos, a primeira oficina contou com mais de 60 crianças e para que nenhuma ficasse de fora das atividades, elas foram separadas em 3 equipes, (I) retirado do entulho, (II) Marcação do muro e (III) equipe de pintura. O final da oficina foi surpreendente pois os muros receberam desenhos aos quais foram escolhidos pelos próprios alunos (Figura 1).



Figura 1: Resultado da oficina de pintura do muro. Fonte: Rammé, 2017.

As oficinas (II) e (III) foram realizadas simultaneamente, enquanto uma equipe

trabalhava com os jardins verticais (Figura 2) a outra ficou responsável pela horta (Figura 3). Como certos equipamentos possuíam risco, a primeira parte do trabalho foi realizado somente pelos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA e por docentes e funcionários do colégio, supervisionados por um marceneiro voluntário. Na segunda parte os alunos puderam participar realizando o plantio das espécies e pintando os mobiliários. Vale salientar que todos os trabalhos foram realizados nas manhãs e tardes dos sábados, assim, as atividades não atrapalhavam o rendimento estudantil. Outro item importante a ser citado é que os alunos eram convidados a participar e não havia obrigatoriedade.

A IV foi a construção dos mobiliários para jogos, que contou com a construção de mesas e bancos de pneus e paletes. Da mesma forma que nas outras oficinas, a primeira etapa foi elaborada somente pelos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA e por docentes e funcionários do colégio, supervisionados por um marceneiro voluntário, em seguida os estudantes do colégio entraram em ação e pintaram os mobiliários.



Figura 2: Resultado da oficina de jardins verticais. Fonte: Rammé, 2017.



Figura 3: Resultado da oficina da horta. Fonte: Rammé, 2017.

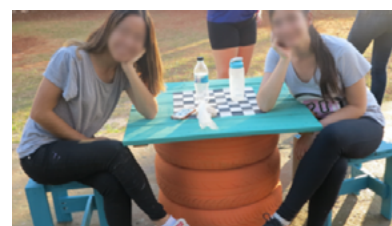


Figura 5: Resultado da oficina de mobiliários. Fonte: Rammé, 2017.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Oliveira (2015), a participação surgiu na arquitetura a partir da crise do Movimento Moderno, no trabalho de profissionais que questionavam o papel social do arquiteto e a produção da arquitetura voltada para as elites, reprimindo expressões identitárias e uma real apropriação do espaço. No entanto, Costa (2009) afirma que a prática da participação social no Brasil contemporâneo remete-se ao final dos anos 1980, quando o processo constituinte permitiu que a legislação brasileira avançasse na direção de propor e institucionalizar mecanismos, canais e fóruns de participação.

Em 2001, com a aprovação do Estatuto da Cidade (BRASIL, 2001), a gestão democrática passa a ser uma das diretrizes gerais da política urbana. Esta acontecer por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e

projetos de desenvolvimento urbano. Para Souza (2005) não resta dúvida que o Estatuto da Cidade representa um avanço, inclusive no que concerne à participação popular. Porém, a maneira como ele se refere à participação é, quase sempre, indefinida, admitindo-se uma interpretação que privilegie, dependendo da Prefeitura, ou um processo deliberativo, ou um processo meramente consultivo.

Sendo assim, cabe aos cursos de arquitetura e urbanismo auxiliarem na capacitação de profissionais para trabalhar com estes processos participativos. Segundo Oliveira (2015), o processo participativo pode ser muito explorado como estratégia pedagógica, para a formação de profissionais com visão de mundo ampliada e aptos a se adequarem a situações diversas, capazes de avaliar cada contexto e explorar de maneira criativa o conhecimento adquirido em sua formação, tornando-os mais preparados para atuar na transformação social e espacial das cidades.

Isso requer, segundo Souza (2005), o desenvolvimento de habilidades pouco contempladas nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, como técnicas e metodologias para a participação popular e o desenvolvimento de material pedagógico ou de uma linguagem técnica simplificada para amplo entendimento nos debates. Neste sentido, Monteiro e Pina (2013) destacam que é relevante o envolvimento da universidade junto à sociedade, para a criação de oportunidades de transferência mútua de conhecimentos, ressaltando-se a valorização dos saberes, tanto popular quanto técnico-científico. Para Oliveira (2015) a aproximação da academia com as comunidades locais facilita o diálogo dos trabalhos desenvolvidos no meio acadêmico com a realidade.

Para Ronconi (2002), longe do canteiro de obras, a formação do arquiteto passa a prescindir da prática social inerente à arquitetura. O estudante tem um contato teórico com os problemas sociais, mas não a sua vivência e experimentação. De acordo com Mockbee (2013), a arquitetura mais do que qualquer outra forma de arte é, uma arte social e deve se apoiar na base social e cultural de seu tempo e espaço. Os arquitetos e urbanistas devem projetar e construir com a consciência de uma maior compreensão social. Como arte social, a arquitetura deve ser feita onde está e a partir do que existe.

4 RESULTADOS

Ao final de todas as atividades, hoje o colégio Santa Rica possui uma horta, jardins verticais com hortaliças e plantas decorativas, os muros internos possuem desenhos escolhidos e pintados pelos alunos e também passou a possuir novas mesas e bancos feitos com material de reuso.

5 CONCLUSÕES

Neste trabalho abordou-se a requalificação da área externa do colégio Santa Rita em Foz do Iguaçu, onde a ideia principal do projeto de paisagismo e práticas participativas era envolver a comunidade acadêmica com os estudantes, servidores e professores do colégio Santa Rita, além de trazer um novo olhar com técnicas de paisagismo a partir de material reciclável. A grande conclusão deste trabalho é que as modificações realizadas no colégio foram também a instrução dos alunos quanto educação ambiental e também a sua instrução por parte da criação de novos mobiliários através de materiais recicláveis. Após as visitas e encontros com os alunos, estabelecemos metas as quais todas foram cumpridas com sucesso, isso se deu pelo entusiasmo de todos que de alguma forma trabalharam para que tudo ocorresse bem.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Lei nº 10.267, de 28 de agosto de 2001. **Regulamenta os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10267.htm>. Acessado em 20 de maio de 2018.
- MOCKBEE, Samuel. O Rural Studio. In: SYKES, A. Krista. **O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica (1993-2009).** Tradução: Denise Bottmann, Roberto Grey. Face Norte, Volume 15. São Paulo, Cosac Naify, 2013.
- MONTEIRO, Ana Maria Reis de Goes; PINA, Sílvia Mikami Golçalves. **A diversidade de realidades e o projeto coletivo no ensino de Arquitetura e Urbanismo.** Revista de Cultura Arquitectônica Joelho. Departamento de Arquitectura da FCTUC: 2013. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/1647-8681_4_14.
- OLIVEIRA, Larissa Araújo de. **A participação popular como ferramenta de inovação projetual.** In: **Qualidade no ensino de Arquitetura e Urbanismo: inovação, competências e o papel do professor.** CADERNO ABRA 40. XXXIV ENSEA – Encontro Nacional sobre Ensino de Arquitetura XVIII. CONABEA – Congresso Nacional da ABEA e Urbanismo. Natal, 2015. Disponível em: <http://www.abea-arq.org.br/?page_id=156>. Acessado em 20 de agosto de 2018.
- RONCONI, Reginaldo. **Inserção do Canteiro Experimental nas Faculdades de Arquitetura e Urbanismo.** São Paulo: USP, 2002. TD.
- SANTOS, Roberto Vatan dos. **Abordagens do processo de ensino e aprendizagem.** Integração Ano XI, no. Nº 40. Março, 2005, p. 19-31.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **De ilusão também se vive: caminhos e descaminhos da democratização do planejamento e da gestão urbanos no Brasil (1989-2004).** XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR. Salvador, 2005. Disponível em <www.xienanpur.ufba.br/112.pdf>. Acessado em 20 de agosto de 2018.